

PUZZLE: OU DE COMO MICHEL FOUCAULT PODE CONTRIBUIR COM A PSICANÁLISE

Gustavo Capobianco Volaco¹

Daniel Kupermann²

“Se ela dissesse só “Senhora” você diria que está sem hora”
Lewis Carroll³

“Nem alegre nem triste, apenas o oposto”
João Guimarães Rosa⁴

Resumo: O artigo procura contextualizar, os possíveis campos de tensionamento entre a psicanálise e o pensamento foucaultiano. A partir de uma revisão sistemática de literatura, procuramos contextualizar como, a parresía se configura a partir das tensões que envolvem os últimos trabalhos desenvolvidos a partir da parresía. Só muito recentemente, considerando os mais de cem anos de história da psicanálise, as questões impostas pela temática da sublimação têm recebido a devida atenção nos trabalhos e pesquisas dos psicanalistas pelo mundo afora. Em parte pela dificuldade de encontrar na obra de Freud uma teoria concêntrica sobre aquilo que está sub limis e se eleva - um de seus textos que trataria do assunto mais especificamente sucumbiu aos impulsos destruidores de seu autor – e em outra por, na grande maioria dos casos, se tentar equipará-la ao harmônico kallos (bonito, valioso, virtuoso) grego até que ambos digam a mesma coisa estética e, naturalmente, o fato é que essa transgressão feita ao império do recalque ainda e por sorte precisa de uma maior dedicação, digamos, parresiástica.

Palavras-chave: *Puzzle; Michel Foucault; Psicanálise.*

Abstract: The article seeks to contextualize the possible fields of tension between psychoanalysis and Foucaultian thought. From a systematic literature review, we tried to contextualize how, the parresía configures from the tensions that involve the latest works developed from the parresía. Only recently, considering the more than one hundred years of psychoanalysis history, the questions posed by the subject of sublimation have received due attention in the work and research of psychoanalysts around the world. Partly because of the difficulty in finding in Freud's work a concentric theory of what is sub-limit and rising - one of his texts that would deal with the subject more specifically succumbed to its author's destructive impulses - and another by, in the vast majority of cases. In some cases, if you try to equate it with the harmonious Greek kallos (beautiful, valuable, virtuous) until you both say the same aesthetic thing, and of course the fact that this transgression of the repression empire still and luckily needs a greater dedication. say, parresiastic.

Keywords: Puzzle; Michel Foucault; Psicanalitic.

¹Doutor em Literatura, Universidade de São Paulo – USP/ São Paulo – São Paulo, Brasil. gustavovolaco@hotmail.com Lattes:<http://lattes.cnpq.br/8960937702491982>

²Doutor em Psicanálise, Universidade de São Paulo – USP/ São Paulo – São Paulo, Brasil. danielkupermann@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4405669988502150>

³ CARROLL, Lewis. *Alice Através do Espelho*, in Alice, Edição Comentada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 168.

⁴ ROSA, João Guimarães. *Palhaço da Boca Verde*, in Tutaméia, Terceiras Estórias. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1979, p. 115.

Introdução

Só muito recentemente, considerando os mais de cem anos de história da psicanálise, as questões impostas pela temática da sublimação têm recebido a devida atenção nos trabalhos e pesquisas dos psicanalistas pelo mundo afora. Em parte pela dificuldade de encontrar na obra de Freud uma teoria concêntrica sobre aquilo que está *sub limis* e se eleva - um de seus textos que trataria do assunto mais especificamente sucumbiu aos impulsos destruidores de seu autor - e em outra por, na grande maioria dos casos, se tentar equipará-la ao harmônico *kallos* (bonito, valioso, virtuoso)grego até que ambos digam a mesma coisa estética e, naturalmente, o fato é que essa transgressão feita ao império do recalque ainda e por sorte precisa de uma maior dedicação, digamos, parresiástica.

Uma das responsáveis por essa ousadia da *parresia*(FOUCAULT, 2010, p. 46) é sem dúvida nenhuma a psicanalista e professora de todos nós Sophie de Mijolla-Mellor que imbuída por um prazer de pensar inestancável procura, em bem mais de um lugar, friccionar o *status quo* dominante das concepções de cura analítica contra a rugosidade de um *básanos*(Idem, p. 79)e, esse é um dos pontos fundamentais, contribui para que se possa escolher, naquilo que dessa operação se fragmenta, uma via que não seja a de uma seriedade - no sentido de sério e serial - devedora, sempre, de um mal-estar mortífero.

Para nos ajudar a pensar na escolha que não rumaria mais na direção de uma melancolia dirigida (VOLACO, 2019, p. 203) e, dessa maneira, abriria os braços a uma erotização da ambiguidade perene e por isso anti-estase, o humor nos servirá de clave musical autorizando-nos a fazer a seguinte pergunta: se aquilo que caracteriza nossas sociedades é a louvação do deus *Logos*-pois é dele que assumimos um ser tanto mais insustentável quanto mais leveza se lhe pede -, o riso não nos ofereceria um *kairós* (oportunidade, momento certo), para, no mínimo, vislumbrarmos uma saída aos limites impostos pela força neurotizante da *Verdrängung* e do narcisismo? Outra pergunta: se nosso trabalho clínico se restringe desde Freud a um afazer inter-pretativo, abrir espaço para o riso não seria romper com os grilhões do sentido que é aquilo que realmente atravança a ex-sistência”(LACAN, 1997, p. 231) ? E ainda uma última questão: deixar o humor trabalhar não seria triunfar onde Hipócrates, com Demócrito, fracassou (HIPÓCRATES, 2011, p. 43) e, por isso mesmo, poder aventar alguma possibilidade de vida, de ganho de vida, que não seja a ritornélica troca vaso comunicante de uma miséria por uma infelicidade cotidiana (FREUD, 1986, p. 139)?

Tentaremos responder a essas indagações dividindo, à partir daqui, nosso texto de homenagem à obra de Sophie de Mijolla-Mellor em três partes.

A Coragem da Verdade

O neurótico sofre por seu “paraíso de certezas” e suas “próteses” (MIJOLLA-MELLOR, 2006, p. 56), nos diz Mijolla-Mellor. Seu Éden, desde o início dos tempos, chama-se significado e sua muleta, que tantas vezes oferece sua face de amuleto, nada mais é que atribuí-lo e distribuí-lo a tudo aquilo que vê ou sente. Mas eis que ele decide romper sua inércia e fazer uma análise e, mesmo sem ainda o saber com exatidão, acaba por escolher, no vasto cardápio de ofertas psi, uma via que implicará na coragem de se desfazer desses embustes até atingir a parcial e indefinitiva verdade. Optou, assim, pelo “prazer de pensar”(MIJOLLA-MELLOR, 1992, p. 32) e nesse jogo(FERENCZI, 1992, p. 121), como diz Ferenczi em seu *Análises de Crianças com Adultos*, colocará, em crise aquilo que antes parecia lhe deleitar até que seu gozo se desloque para outra coisa que não seja a idiotice que antes o governava.

É claro que ele não fará isso só, pois se assim o fizesse tenderia a repetir, para evocarmos o *Projeto* de Freud, os mesmos caminhos que já estão trilhados e chegaria, claudicando e circunvolucionando, ao mesmo lugar (FREUD, 1986, p. 200). Mas, para que um sujeito não re-tome suas indubitalidades protéticas qual seria o lugar que seu parceiro de jogatina precisará ocupar? Seria suficiente ou mesmo desejável situar-se como aquele que oferta, pelo apuramento de uma escuta diferenciada, outros sentidos, ainda que insabidamente sabidos e por isso mesmo oriundos daquilo que se articula na e pela fala do analisante?

Não podemos negar que há todo um tempo da análise que será dirigido por esse desvelamento de um saber chamado por Freud de inconsciente. Mas não podemos nos esquecer de que aquilo que nos ocupa aqui é a questão de uma direção de cura que vá mais além da rocha dura da castração (FREUD, 1986, p. 301) e toque, ao transgredir suas leis, a incapturabilidade fugaz do sublime.

E já deve estar mais do que claro que não se consegue passar da impotência hipercatexizada da neurose à liberdade de um humor desconjuntante apenas colocando mais pedras - *petras* - no meio - *inter* - do caminho. O tempo petrino onde se alcançava alguma coisa ao descortinar que um simples *familionär* comporta *familiär*, *millionär* e mesmo *millionär*r (FREUD, 1986, p. 32) precisou passar, e de nada valerá que um analisante descubra-se prehe de sentidos porque isso é, ainda, parir pedras e se obstaculizar. E se

queremos que nossos analisantes caiam fora daquilo que a tradição talmúdica chama de *mikshowl* (meio ou ocasião de tropeço) (BITTON, 2013, p. 56) não será lhes edificando sentidos sobre sentidos que o conseguiremos; até porque, de pedra em pedra, correríamos o risco de catedralizá-lo, e nosso trabalho precisa ser antes de mais nada um *job*(LACAN, 2016, p. 41) de desconstrução.

Assim, se nosso lugar é mesmo um lugar parresiástico e por isso mesmo visa a verdade que nunca está dada *a priori*; e se a sublimação, como diz Mijolla-Mellor, está “voltada para um tempo futuro” (MIJOLLA-MELLOR, 2015, p. 76), nos restaria servir de... de quê, nesse momento? Deveríamos voltar ao passado que não passa correndo o risco de produzir mais alienação sobre alienação? Ou deveríamos, trata-se de um imperativo ético que procuramos destacar, servir de *básanos* pois, depois de interpretar, depois de edificar, depois de construir chegamos ao tempo da desinterpretação (VOLACO, 2019, p. 333), da desintegração?

Permitam-nos retomar, com outras palavras, o que dissemos, pois elas nos servirão mais adiante: há um tempo, incontornável em qualquer análise, onde o analista acha na algaravia de um discurso os pingos nis is ou, para brincarmos um pouco, os as na lista, mas isso só é uma parte do processo de cura, pois depois dos as que por si mesmos fazem abc, cadeia, elo, vinculação, deveria haver, para que o lago não aprisione até a morte o narciso que habita em todos nós, o que Mijolla-Mellor chama de “explosão libertadora” (MIJOLLA-MELLOR, 2013, p. 510) que só se dará, acrescentamos, com uma fissão no lugar da fusão.

É claro que não estamos dizendo que não seja importante detectar que num Signorelli desaparecido há a aparição do sexo, da morte (FREUD, 1986, p. 23) e de um Sig que escapa até a Sigmund (LACAN, 2006, p. 63). Nem que nessa ou noutra barafunda significante não seja fundamental uma assunção e uma responsabilização daquilo que subjetivamente se produziu. Mas, acreditamos, é preciso dar um passo além do que aí se fixa, um passo “contra o confinamento neurótico e (contra) o gozo melancólico”(MIJOLLA-MELLOR, 2005, p. 98) que tenderá a ser o apanágio desses achados.

A clínica atesta todos os dias que as impredicabilidades se substantivam e se adjetivam porque há sempre esse ponto atrator que Freud denominou *Verdrängung*, esse ponto que suga aquilo que o rodeia até que se calque novamente (FREUD, 1986, p. 184), que se façare-calque. Mas também é possível encontrar no próprio *ver* alemão a indicação para ir adiante, para ir a outro lugar que não o do calcamento, que não o do calçamento. E é para

pensá-lo que evocamos o *básanos*, *the touchstone*, a pedra de toque que em certos textos gregos orientam uma prática que contesta o fixo, refuta o sólido, contradita o sustentável.

Trata-se de uma prática que enfrenta a “manutenção do pensamento” (MIJOLLA-MELLOR, 2012, p. 43), expressão cara a Sophie, sua aderência, sua segurança ao se oferecer como uma superfície friccionadora de um discurso e, no que interessa aqui, esmerilha as certezas e esmigalha as asserções até que só sobre o que soçobrou. E será desse soçobramento, dessa ruína que se poderá reajustar “os elementos do mundo (intra e extra-psíquico) de um modo prazeroso” (KUPERMANN, 2003, p. 163), como escrevemos em outro lugar, de um modo que não seja mais a velha forma de prestar homenagem à fixidez e a limitação. Com o *básanos* se poderá passar do aterramento e do terrorneurótico, do “temor e do tremor” (KIERKEGAARD, 1964, p. 47) paralisantes ao vôo solto do sublime. E não foi assim que caracterizamos a sublimação no início desse texto? Como enfatiza Mijolla-Mellor, “a sublimação designa essencialmente um movimento de elevação” (MIJOLLA-MELLOR, 2011, p. 15) que só pode ser conquistado se colocarmos em crise o peso dos sentidos, se colocarmos em colapso a força impregnante do *joui-sense*. E para que isso seja alcançado ou alcançável, para que se voe e não se caia, como Ícaro prestando homenagem ao dizer do pai, é preciso enfrentar a dureza do *básanos*, a aspereza da *touchstone* numa direção que não seja mais “retrógrada” (MIJOLLA-MELLOR, 2012, p. 21), que não seja mais a dos bálsamos retomados que com os sentidos se procurava oferecer no processo de cura psicanalítico.

O Básanos

Devemos esse in-conceito (LACAN, 1998, p. 71), assim como o de *parresia* que evocamos acima, a Foucault que em seus dois últimos cursos no *Collège de France*, ocupado com o estatuto e o status da verdade (FOUCAULT, 2011, p. 201), o põe a bailar à partir de vários textos gregos. Foucault, como era seu costume, vai longe nesse baile, mostra-lhe as contradições, as suas arestas e farpas mas, no cômputo geral chega a isso: quando um sujeito afirma quem é depois de um trabalho como o psicanalítico (mesmo que Foucault não o mencione declaradamente) produzir para si uma ontologia ou mesmo uma onticidade, se tratará de colocar à prova se esse achado se sustenta. Em parte esse processo segue o tradicional método maiêutico de colocar em questão aquilo que alguém afirma sobre si ou sobre o mundo mas, por outro lado, que é aqui super importante, dele se separa pois não culmina num saber, numa ciência, no o famoso só sei que nada sei socrático (FOUCAULT,

2010, p. 200) - mas numa verdade que faz derrisão do saber ao mostrá-lo como uma ficção oriunda, claro, de uma fixação (LACAN, 2017, p. 89).

Peguemos como exemplo as elucubrações freudianas sobre o famoso esquecimento de Signorelli. Numa mão sua primeira associação é com Botticelli e com Boltraffio que o levam para longe da Itália até a Bósnia, e Trafoi fazendo-o lembrar tanto de um costume turco como de um paciente suicida, ambos os casos envolvendo problemas com a sexualidade. Na outra, por tradução, ele passa de *Signor* para Her, de Herzegovina, que também toca a problemática sexual turca, e finalmente para *Herr*, que Freud associa a morte de seu paciente e a grande ceifadora de vidas, *Herr Tod*. Conclusão: Freud nos diz que não queria tocar nesses assuntos incômodos e por isso mesmo esqueceu o significante que poderia trazê-los à tona. Como dissemos acima: nada de morte nem de sexualidade para ele (FREUD, 1986, p. 23).

Mas não é estranho que seja sobre esses dois elementos, inclusive intimamente ligados, que Freud fará carreira? Eles seriam mesmo tão incômodos assim? Ou Freud está a fabricar aí uma lógica não tão verdadeira assim? Será que essa fabricação resistiria a uma outra interpretação como a de que em Sig, de Signorelli, há sua assinatura, mais marcante ainda quando pensamos que ele nasceu com o nome de Sigismund até renascer, por sua vontade em torno dos oito ou dez anos, como Sigmund (RODRIGUÉ, 1995, p. 65)? E onde teria ido parar o Is? É mesmo possível arrancar duas letras de um nome sem extrair desse corte algumas consequências? Esse Is seria designativo da terra prometida, Is-rael, que é sempre um horizonte judaico? E Is-rael, como indica a *Torá*, não foi aquele que lutou com Deus, venceu e por isso foi renomeado? Renomear-se não é o que Freud fez? Mas esse nome também não era o de seu pai, Jakob Is-rael Freud (HARARI, 2001, p. 81)? E Jakob não era o nome anterior de Israel? Será que Sigismund que virou Sigmund luta com seu pai que representa o Pai e se rediz apagando por seu esquecimento qualquer índice dessa batalha?

E podemos, se quisermos, continuar com esse processo, pois a que remete *elli* que ficou de fora em todas essas inter-pretações? Designa *el*, de Isra-el? Ou, já que Freud usou o hispânico *signor*, designa *el*, ele? Mas *el* quem? E *el*, em alemão não se diz *die*? E *die*, em outra língua bem frequentada por Freud, não designa o morrer? Voltamos então a *Herr Tod*? Mas ainda sobra um *li*. Para quem se definia como devorador de livros, um *bücherwurm* (traça) (JONES, 1979, p. 57) será que *li*, como verbo, é sem importância e sem declinações viáveis? E sobra, ainda e depois um *i*. Fazemos o quê com ele? Ignoramos sua existência para mantermos um edifício teórico coerente? Será que o deixamos de fora em prol de uma ontologia sustentável, de uma linearidade ôptica explicável? Precisamos ter cuidado com os

recortes que fazemos a favor das significações, com as *ex-legeres* (BOSI, 1988, p. 30) que aplicamos almejando um sentido, pois todo esse processo, por mais elaborado e crível que pareça ser, não passa de uma forma de teorizar que encobre aquilo que Freud chamou em 1900 de “ponto onde se mergulha no desconhecido” (FREUD, 1986, p. 415) e que, vinte e três anos depois, será definitivamente incognoscível, terminantemente impredicável, radicalmente Isso (FREUD, 1986, p. 71).

Assim, se vamos fricionando essas teorias todas sobre o *básanos* vai restando cada vez menos todo, cada vez menos elementos e conseqüentemente menos certezas e menos próteses. Mais Isso e menos Isto surgem e quando pegamos um instituído e catedrático Signorelli e tudo aquilo que ele pode ou pôde indicar a cada vez ficamos com menos elementos fixos, com menos sentidos, com menos *joui-sense*.

Caem por terra o *Herr* e suas concatenações. O mesmo valendo para *Her*, *Signor* e suas denotações. Despencam o Sig e suas nomações deixando como restos o *elli*, o *li*, o *i* que insistem em nada dizer, que se obstinam em não se prestar a qualquer escrutínio, a qualquer inter-pretação. E já que falamos no pai de Ícaro, com o *básanos* funcionando na clínica psicanalítica não haverá mais constructo labiríntico, fundação e fundamentação de dédalos intermináveis e, conseqüentemente, não se precisará mais ficar preso, se re-calcar e esperar - o neurótico é aquele que, como Vladmir e Estragon, sempre espera mas nunca alcança - até que um novo minotauro surja e o devore ou um novo Godot (BECKETT, 1976, p. 61) apareça e o salve.

Mas, nesse jogo mais feito de perdas do que ganhos, feito de menos esperança e mais derrisão não correríamos o risco de desembocar num estado melancólico já que nenhum sentido parece se sustentar por si mesmo, já que com o *básanos* não sobra nenhuma pedra onde se possa descansar? E seguindo esse raciocínio, enfrentar o *básanos* seria mesmo desejável, almeável, ambicionável? Ou quando nosso analisante se sente feliz, se diz feliz, já poderíamos dar o trabalho analítico por encerrado (LACAN, 2016, p. 24)? Pois não devemos nos esquecer que para Freud uma análise seria, como destacamos acima, passar de uma miséria neurótica a uma infelicidade comum e se, diferentemente dessa destinação, nosso analisante se torna capaz de encontrar alguma *freude*, alguma alegria, já seria um avanço considerável, não é mesmo? Alegria no lugar da apatia, a gaicidade no lugar da insensibilidade já não seria um enorme progresso? Assim, porque insistiríamos nesse a mais que será a menos que pode malparar um estado melancólico? Será que dar esse passo a mais, um *pas-de-sens*, como brinca Lacan em outro lugar (LACAN, 2005, p. 79), que inquire é

querível? Será que pôr à prova o que se achou durante um percurso analítico é uma boa coisa, já que no lugar de uma querida leveza a bile negra poderia se derramar, a *melaskholis* poderia se alastrar tal como a que para Rilke indicava que qualquer coisa estava fadada à transitoriedade e, portanto, à impossibilidade de fixidez (FREUD, 1986, p. 219)?

Mas o que é ou pode ser a felicidade se não queremos a melancolia? Seria aquela que se vende em *shopping centers* de acordo com a nada invisível mão do mercado? Ou aquela que se assemelha ao júbilo de “uma estase libidinal”(MIJOLLA-MELLOR, 2015, p. 206) enganadora que apenas reafirma um eu sou e se esquece daquilo que não se é e não se pode ser? Questões abertas que a dinâmica do luto pode nos ajudar aqui a responder, principalmente quando pensamos, com Mijolla-Mellor, que algo “pode ser feito com aquilo que se perde” (MIJOLLA-MELLOR, 2012, p. 69) e uma felicidade, que etimologicamente indica fertilidade, potência criativa, pode assim advir. E nossa proposta para fazer uma, no dizer de Mijolla-Mellor, “reelaboração” (MIJOLLA-MELLOR, 2015, p. 93) - já que o luto é também isso, já o veremos - com aquilo que caiu pela basanização da fixação, pela disjunção da colagem, é a via do humor que, como dissemos em *Ousar Rir: Humor, Criação e Psicanálise*, é o fundamento metapsicológico da sublimação (KUPERMANN, 2003, p. 124). Assim, se estivermos certos em nossa proposta a perda levaria ao riso que é por excelência, como escreve Mijolla-Mellor, “o sucesso da sublimação” (MIJOLLA-MELLOR, 2012, p. 71) e a direção de cura psicanalítica poderia ser assim formulada: encontro (ganho de sentido) - desencontro (perda de sentido) - luto (reelaboração da perda) - riso (sublimação e conseqüentemente ultrapassagem das fronteiras). Das duas primeiras fases ou etapas já tratamos aqui. Agora é a hora de fazer o luto e deixar entrar a rebeldia do riso.

Luto, Humor e Sublimação

Em termos bem freudianos o luto é o desinvestimento, progressivo e razoavelmente doloroso - “prolongado e gradual” (FREUD, 1986, p. 289), escreve Freud, mas sem lhe tirar a dor - realizado pelo sujeito em relação ao objeto que outrora estava hipercatexizado e no *hic et nunc* não está mais à disposição. Mecanismo cheio de artimanhas e armadilhas sua contrapartida no mais das vezes acaba por implicar um reinvestimento e, depois de feito e mesmo enquanto se o faz, pode produzir uma nova fixação libidinal que tenderá a repetir, como “um prisma simultaneamente idêntico e contrário” (LACAN, 2002, p. 363) a balela romântica do encontro e da conquista e dessa maneira reintroduzir na cena o que por desventura ficou obscuro. Mas o problema pode ser maior já que mesmo que possamos dizer

que se trata, nesse retorno objetual, de uma repetição advertida, quer dizer, de um encontro mais prudente e providente e de uma conquista que se sabe organizada pela impermanência. No entanto, os modelos de captura do que se supõe, para usarmos um termo platônico, agálmico (PLATÃO, 1976, p. 56), permanecem inabaláveis em sua estrutura e, no horizonte, arriscam-se a tornarem-se ou mesmo não podem fazer outra coisa a não ser aparecer como *eufóricos* da mesma forma que na história da raposa que, por não alcançar as uvas que lhe estão distantes as preconiza verdes (ESOPO, 1997, p. 126), e que a levará sempre ao mesmo lugar e que Freud chamou coloquialmente de *das Ich*. Armadilha, portanto, que de um doeu transforma-se em do eu e, dono de si, faz do foro um forro que preenche o *hollow men* (ELIOT, 2006, p. 129) que somos, diz T.S. Eliot, *men or women*, todos nós. E artimanha, por conseguinte, já que se procura tamponar “o buraco criado pela perda” (LACAN, 2002, p. 183) com um ganho completamente artificial e artificioso.

Mas, se lhe incitamos a sair desse foro, ou seja, se encorajamos o sujeito a distanciar-se do centro que faz de si mesmo a medida para o mundo, da *ratio* que serve de balança para organizar uma *Realität* (realidade psíquica) bem sopesada mas que não passa de *trompe-l'oeil* para a *Wirklichkeit* (realidade real), abrimos espaço para deixarmos que se inscreva a perda sem forro, inelutável e inestancável e onde os laços, pós-luto e que são, nessa condição, formas de reajustar “os elementos do mundo de um modo prazeroso” (KUPERMANN, 2003, p. 93), carregarão em si mesmos as marcas de sua não eternidade e de sua imensa fugacidade. Dessa forma, no lugar dessa *euforia*, no lugar desse “eu-ideal todo poderoso” (MIJOLLA-MELLOR, 2010, p. 503) tão atrapalhador e tão atravancador de uma ex-sistência, pode advir – com o luto que é também, insistimos como insiste a psicanalista francesa com quem resolvemos desenvolver essas palavras cruzadas, do eu (Idem, p. 504), do eu tantas vezes tomado como objeto libidinal de si mesmo – uma alforria, libertária por excelência, mas de quê, efetivamente, já que dessa “superfície” (FREUD, 1986, p. 39), no dizer de Freud, projetável e projetante, é impossível viver? Alforria de – retomamos Mijolla-Mellor e junto o texto hipocrático que mostra um Demócrito rindo de todas as coisas “independente(mente) das forças repressoras” (KUPERMANN, 2012, p. 201) pois notou, em Abdera, que A Coisa não há – uma “paralisia de pensamento” (HIPÓCRATES, 2011, p. 33) que insiste na doxa, no dogma, no, e isso remete ao foro, axioma.

Uma análise, assim, permitiria que o sujeito saísse do eixos, de seus *axis* e de uma finitude por eles estabelecidos, e passasse ao infinito que, se antes causava dor, agora produz, diz Demócrito, riso (Idem, p. 53). Rir no lugar da perda e rir da perda, portanto é o que essa

faceta do luto pode propiciar, pois todas as vezes que ela, a perda, surge, o que se estabelece é que não há *establishment*, que não há *ergon* mas *energeia*, que não existe produto feito, mas atividade constante e em si mesma descongestionante. Dessa forma, mesmo que o sujeito se ligue a algo é e será de seu necessário desligamento e de sua “emancipação” (KUPERMANN, 2003, p. 19) que obterá sua liberdade ao encarar que tudo e o todo não passam de uma comédia humana, para utilizar uma terminologia balzaquiana, que visam apagar o incapturável, que procuram conceituar o fora da representação enquanto a *Wirklichkeit* permanece como desacorrentada, desagrilhada. Nada, então, “de um triunfo do ego, que se quer imperecível” (Idem, p. 57) nem um triunfo do *re-ligare* que a tanto custo pôde ser rompido. Aí está a rebeldia do riso, “rebeldia ética” (Idem, p. 58), escrevemos em outro lugar, que faz da análise da psiquê uma “*psychoanalose*” (JOYCE, 2000, p. 522) e o que estava *closed* vira *loosed* porque *losed*, insistimos, infinitamente.

E não é isso o que Freud propôs como característica fundamental do *Witz*, quer dizer, ele não aparece quando de uma condensação eclode por deslocamento o que estava fechado e Isso se solta até se perder (FREUD, 1986, p. 122)? A psicanálise seria então e depois de um tempo uma *psychoanalose* e uma *psychoanalose* e o analista aquele que, depois de servir de intérprete para o que só a muito custo vinha à luz, e de básanos para aquilo que acabou sofrendo de excesso de *Aufklärung*, torna-se uma testemunhadas perdas e das solturas que estão implicadas, inclusive, na forma como Freud pensou o inconsciente desde o princípio. E o riso, que é puro “movimento” (KUPERMANN, 2003, p. 93), pura “irreverência que visa atingir toda pretensão de verdade totalizante” (MIJOLLA-MELLOR, 2000, p. 15) encontra, enfim, um lugar na economia psíquica do sujeito.

E é isso, também, o que se pode esperar da sublimação, ou seja, deixar que aquilo que está abaixo do limite e conseqüentemente sob a égide do recalque voe e se, como a pomba do *Bereshit*, voltar com um ramo de oliveira anunciado alguma terra seca onde se assentar será com novos e outros vãos que uma vida se fará e se re fará. Sem continente, fixo. Mas com contingente, solto. Aí está o último tempo da direção de cura, o tempo onde se “amortalha o que é antigo” e por isso se lhe faz o luto definitivo e sem mais choros “e, simultaneamente, (se) celebra a chegada do novo” (KUPERMANN, 2012, p. 204) que é sempre novo, sublimemente novo!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKETT, Samuel. *Esperando Godot*. São Paulo: Abril, 1976.

BITTON, Yosef. *Decifrando a Criação*. São Paulo: Sêfer, 2013.

BOSI, Alfredo. *Céu, Inferno, Ensaios de Crítica Literária e Ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.

ELIOT, T.S. *Os Homens Ocos*, in Poesia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ESOPO. *Fábulas*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

FERENCZI, Sándor. Análises de Crianças com Adultos, in Psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FOUCAULT, Michel. *A Coragem da Verdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. *O Governo de Si e dos Outros*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FREUD, Sigmund. *A Divisão do eu no Processo de Defesa*, in Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1986

_____. *A Interpretação dos Sonhos*, in Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

_____. *Luto e Melancolia*, in Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

_____. *O ego e o id*, in Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

_____. *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*, in Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

_____. *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, in Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

_____. *Projeto para uma Psicologia Científica*, in Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

_____. *Sobre a Transitoriedade*, in Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1986

HARARI, Roberto. *O Que Acontece no Ato Analítico?* Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.

JONES, Ernest. *Vida e Obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

JOYCE, James. *Finnegans Wake*. London: Wordsworth Classics, 2000.

KIERKEGAARD, Soren. *Temor e Tremor*. São Paulo: Exposição do Livro, 1964.

KUPERMANN, Daniel. *Ousar Rir: Humor, Criação e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Humor, Desidealização e Sublimação na Psicanálise*, in <http://www.scielo.br/pdf/pc/v22n1/a12v22n1.pdf>, p. 204

LACAN, Jacques. *A Angústia, Seminário 1962-1963*. Recife: CRF, 2002.

_____. *Conferência de 24 de Novembro de 1975, Yale University.*, in Lacan in North America. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

_____. *O Seminário, Livro 5, As Formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. *Os Não-Tolos Erram/ Os Nomes do Pai*. Porto Alegre: Editora FI, 2017.

_____. *Problemas Cruciais para a Psicanálise, Seminário 1964-1965*. Recife: CEF, 2006.

MIJOLLA-MELLOR, Sophie de. *A Maternidade é uma Forma de Sublimação?*, in Estudos de Psicanálise, no.35 Belo Horizonte jul. 2011, s/p.

_____. *Crueldade no Feminino*. Rio de Janeiro: companhia de Freud, 2005.

_____. *Entrevista com Sophie de Mijolla-Mellor*, in <http://www2.uol.com.br/percurso/main/psc41/41Entrevista.html>

_____. *La Sublimation*. Canada: Kobo, 2012.

_____. *Le Choix de La Sublimation*. Canada: Kobo, 2015.

_____. *Le Plaisir de Pensée*. Paris: PUF, 1992.

_____. *Os ideais e a sublimação*. Psicologia USP, São Paulo, v. 21,n. 3, p. 2010, p. 503.

_____. *Sobre a Necessidade de Crer*, in *Psychê* — Ano X — nº 17 — São Paulo — jan-jun/2006.

PLATÃO. *O Banquete*. São Paulo: Atena Editora, 1976.

RODRIGUÉ, Emilio. *Sigmund Freud, O Século da Psicanálise, 1895-1995*. São Paulo: Escuta, 1995.

VOLACO, Gustavo Capobianco. *O que Finnegans Wake tem a ensinar aos psicanalistas?* São Paulo: KDP, 2019.